



1

As angústias: do teatro ao nó borromeano - Antonio Quinet

Freud descreve diversas modalidades de angústia tais como a angústia diante do desamparo, da perda do amor, da castração, das exigências pulsionais, das exigências do supereu, etc. E Lacan inclui a angústia do infamiliar, quando a falta falta, diante da presença do objeto do desejo enigmático do Outro, de devoração (presente no caso Hans), das alucinações na psicose, etc.

A psicanálise começa com Freud apreendendo os efeitos da tragédia grega *Édipo Rei* sobre o espectador e dentre ele *phobos* que nesse caso Freud qualifica como angústia de castração, cuja estrutura Lacan faz corresponder à subida em cena do objeto a olhar na cena do autocegamento do herói. Com Lacan, a angústia advém do surgimento inesperado de algo que aparece no lugar de (-phi) sob a forma do *Unheimlich* (1). O teatro constrói um *Heim*, um *home* para receber o hóspede desconhecido que irrompe em cena, como o herói trágico com seu destino de objeto a, rebotalho do Outro. Em Hamlet, a *play scene*, ao colocar o real do gozo em cena, provoca a angústia no espectador assassino que não engana mais ninguém. A angústia do espectador tem uma estrutura de continuidade entre os três tipos de angústia descritos por Freud: a angústia realista diante de um acontecimento real, (espetáculo teatral) a neurótica ligada a castração e a angústia moral ligada ao supereu como punição por ter desejado.

Em relação à topologia, no seminário R.S.I Lacan situa no nó a três planificado a angústia entre o Real e o Imaginário, como um transbordamento de Real no corpo (2), pois a angústia que etimologicamente significa apertar, estrangular, asfixiar, aparece, como diz Freud, “nas atividades do coração e da respiração” (3). Mas, diz antes Lacan dissera: “a angústia que vai dar seu sentido à natureza do gozo que se produz pelo recorte euleriano do Real e do Simbólico” (4). No ano seguinte, no Seminário 23, ele retoma a inquietante estranheza do *Unheimlich*, (que ele havia designado no sem. 10 por “porta de entrada da angústia”), para situá-la como um



transbordamento do Imaginário sobre o Simbólico nomeando-a como uma “inibição específica” (5). Vemos assim o próprio Lacan situar a angústia nos 3 entrecruzamentos dos três registros, Real, Simbólico e Imaginário, Para abordarmos essas angústias, como sintomas do Real, tomemos as modalidades de gozo localizadas topologicamente entre esses registros. Pois na angústia é de gozo que se trata.

Segundo Freud “o que se tem medo é evidentemente da própria libido”; “o que é temido na angústia é a emergência de um fator traumático” e mais “é a magnitude da soma de excitação que converte uma impressão atual em fator traumático” (6). Ora, todas essas citações da conferência 32 sobre a angústia apontam para o conceito de gozo em Lacan. A partir da escritura do nó, podemos dizer que as modalidades de angústia se entrelaçam como modalidades de gozo e presentificam na fenomenologia da angústia o objeto a que, central nas angústias, que fura os outros tipos de gozo.

A angústia de castração está vinculada ao gozo fálico – topologicamente situado entre o Simbólico e o Real - e conectada ao objeto olhar e voz que a clínica demonstra. Objetos presentes na descrição freudiana do paradigma da ameaça de castração advindo da visão do órgão genital feminino (olhar) e da ameaça paterna de castração real (voz). É aqui que nessa interseção que Lacan situa o sintoma, cujo melhor exemplo é a fobia enquadrando a angústia de castração e o gozo fálico fora do corpo presentificado no objeto fóbico.

A angústia relativa ao gozo Outro – entre o anel do Real e o do Imaginário – situa o afeto diante do desejo enigmático do Outro, perigo de aniquilamento, como o louva-deus diante da fêmea e bebê submetido aos caprichos do Outro materno.. Situamos aqui a angústia do paranoico que identifica o gozo no lugar do Outro fazendo-o consistir e situando o sujeito como objeto desse gozo, seja na perseguição seja na erotomania. Nesse espaço topológico encontramos aí também o objeto a furando esse gozo Outro, onde



se situa o sujeito e o os objetos invocante e escópico das alucinações.

Sobre o gozo do sentido o que dizer? Só a “magnitude da excitação”, diz Freud, “confere significação à situação de perigo” (87). Ora, quem tem a função de significar o gozo e conferir uma significação traumática a uma situação dada é a fantasia, que é uma forma de enquadramento do trauma numa ficção a serviço do sujeito como um metabolizador de gozo que se espetaculariza para o uso do sujeito. A fantasia se alimenta do gozo do sentido situado topologicamente entre os anéis Imaginário e Simbólico, ou seja, lá onde se situam as cenas do teatro da fantasia articuladas à frase que a sustenta e que lhe confere sua gramática. Aqui também temos o objeto a furando o sentido da fantasia e sua fixação de gozo, ou seja, furando sua dimensão fictícia e seu caráter de fixação de gozo.

Na última lição do Seminário RSI, retomando a tríade freudiana, Lacan propõe aumentar para três as possibilidades de amarração das 3 ditas-mansões do fala-a-ser pelo quarto nó, com sua função de nomeação: Nomeação pelo Sintoma na amarração do quarto nó no simbólico, Inibição na amarração do Imaginário e Angústia nomeação do Real. Esta última corresponde exatamente ao que ele havia lições atrás apontado como sendo o nó borromeano de Freud, no qual no empilhamento dos anéis para a sua constituição temos o Real na base correspondendo ao trauma, o Imaginário no meio como referência à percepção e o Simbólico da linguagem por cima, sendo que o quarto nó que se ata ao Real Lacan o faz corresponder ao complexo de Édipo, Efetivamente em Freud, o complexo de Édipo reinterpreta o desamparo e o trauma do primeiro encontro com o sexo articulando-os com o complexo de castração. O próprio Freud ainda na conferência 32 logo após ter classificado cronologicamente as angústias de acordo com as idades (desamparo, perda de amor, castração e angustia moral) afirma que todas elas se mantem e não são superáveis na idade adulta. Elas são, portanto, estruturais no fala-a-ser. É a partir dessa questão topológica preliminar sobre as



4

angústias que podemos pensar clinicamente em outro tipo de amarração que seja menos sufocante e menos apertado para que o sujeito possa deixar bater seu coração e respirar com mais serenidade.

Notas

- 1 – Lacan, J., O Seminário, livro 10, A angústia, Rio de Janeiro, Editora Zahar, p. 59.
- 2 – Lacan, J., O Seminário, livro 22, R.S.I., lição de 21/01/75. (inédito)
- 3 – Freud, S., Conferência 32, Angustia, Amorrortu, vol. 23, p.75.
- 4 - Lacan, J. O seminário, livro 22, op. Cit., lição de 10/12/74.
- 5 – Lacan, J., O Seminário, livro 23, O sintoma, Rio de Janeiro, Editora Zahar. p. 47.
- 6 – Freud, S., op. cit. P. 87.
- 7 – Freud, S., op. cit., p. 87.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

EPICL

MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE